

11 Jornalismo em Quadrinhos

11.1 Fotonovelas

De acordo com Habert (*apud* TERRA), as fotonovelas originaram-se na Itália, por inspiração do empresário Cino del Duca, e eram “resumos de filmes ao lado de fotos ilustrativas. Pouco depois começam a aparecer os ‘cine-romances’ (a redução do cinema à linguagem dos quadrinhos), o enredo do filme narrado através da justaposição das fotos (cenas principais) e do texto. Desta maneira anunciavam os próximos lançamentos ou prolongavam as sensações dos filmes”. No Brasil, tiveram seu apogeu, ainda segundo Terra, dos anos 1960 até meados dos anos 1980. Apareciam majoritariamente em revistas dedicadas ao público feminino. Tratava-se basicamente de uma sucessão de fotografias, e não de desenhos, com elementos dos quadrinhos tais como o balão, as legendas e recordatórios. São pouco publicadas hoje em dia, seu maior veículo sendo as revistas que acompanham vídeos pornográficos.

Em geral, as revistas que veiculavam fotonovelas no Brasil eram direcionadas às mulheres. Na maioria das vezes, as fotonovelas vinham no meio das revistas femininas, anunciadas na capa como chamariz. Tais revistas ecoavam a moral e os “bons costumes” da época, com seções relativas a moda, lingerie (!!!), culinária, higiene, correio sentimental, e, dentre outras seções, a fotonovela, normalmente uma história romântica adocicada, com a trama girando ao redor do amor não correspondido (mas que vence no final), das “perfidias”, da falsidade, das mulheres ingênuas seduzidas por homens experientes e “aproveitadores”, em suma, de tudo que poderia atrair as jovens (e não tão jovens) da época, sempre numa atmosfera de filmes “de Hollywood”, que eram a tônica do momento. O apelo das revistas direcionadas às mulheres da época era inequívoco, muitas vezes explícito, como a capa da revista ilustrada pela Figura 1, com os dizeres “para a mulher moderna” abaixo do til do título.



Figura 1 – Capa de *Sedução*

É importante lembrar que estávamos vivendo a época áurea da revolução sexual, das conquistas das mulheres, de todo o romantismo (e liberalidade, para os padrões da época) dos filmes americanos. Diversas editoras tentavam atrair o público feminino com revistas que, via de regra, apresentavam uma fotonovela, fosse produzida no Brasil, fosse traduzida, mormente das originais italianas.



Figura 2 – Capas de *Capricho* e *Fascinação*

As fotonovelas, talvez por imitação, talvez por apelo, certamente se inspiravam nas histórias em quadrinhos, com balões, recordatórios e a combinação de desenhos (fotografias) e texto, numa verdadeira “narrativa gráfica”, na terminologia de Will Eisner. Todos os elementos das HQs estão presentes, como pode ser visto na Figura 3:



Figura 3 – Página interna de *Fascinação*

Algumas fotonovelas eram baseadas, como já foi dito, em filmes de sucesso; outras em romances famosos. Um exemplo aparece na Figura 4, com a *Dama das Camélias*, célebre romance de Alexandre Dumas, em que Giuseppe Verdi se baseou para compor sua ópera *La Traviata*.



Figura 4 – Fotonovela: *A Dama das Camélias*

Muitas fotonovelas eram traduzidas e muitas produzidas no Brasil. Seja como for, algumas, talvez para atrair o público, contavam com atores e atrizes populares. A Figura 5 apresenta a lista de atores de *A Dama das Camélias*, cuja capa aparece na Figura 4, com a atriz Virna Lisi como uma das personagens principais.



Figura 5 – Fotonovela: *A Dama das Camélias* com Virna Lisi



Figura 6 – Fotonovela: *A Dama das Camélias* – Virna Lisi

A Figura 6 apresenta a atriz Virna Lisi em uma cena da fotonovela *A Dama das Camélias*. Na Figura 7 vemos a atriz em cena de um filme em sua época áurea (esquerda), *Uma Virgem para o Príncipe* (de 1966, com Vittorio Gassman), e mais recentemente, em 2007 (direita).



Figura 7 – Virna Lisi
(Disponível em:

<<http://www.zimbio.com/pictures/0Rm3ewkuCJw/David+di+Donatello+2007+Italian+Awards/n8Zwz1UJD4w/Virna+Lisi>>.
Acesso em: 2 mar. 2010.)

O sucesso das fotonovelas era tão grande que algumas publicações as reuniam em grupo numa só revista, como pode ser observado na Figura 8.

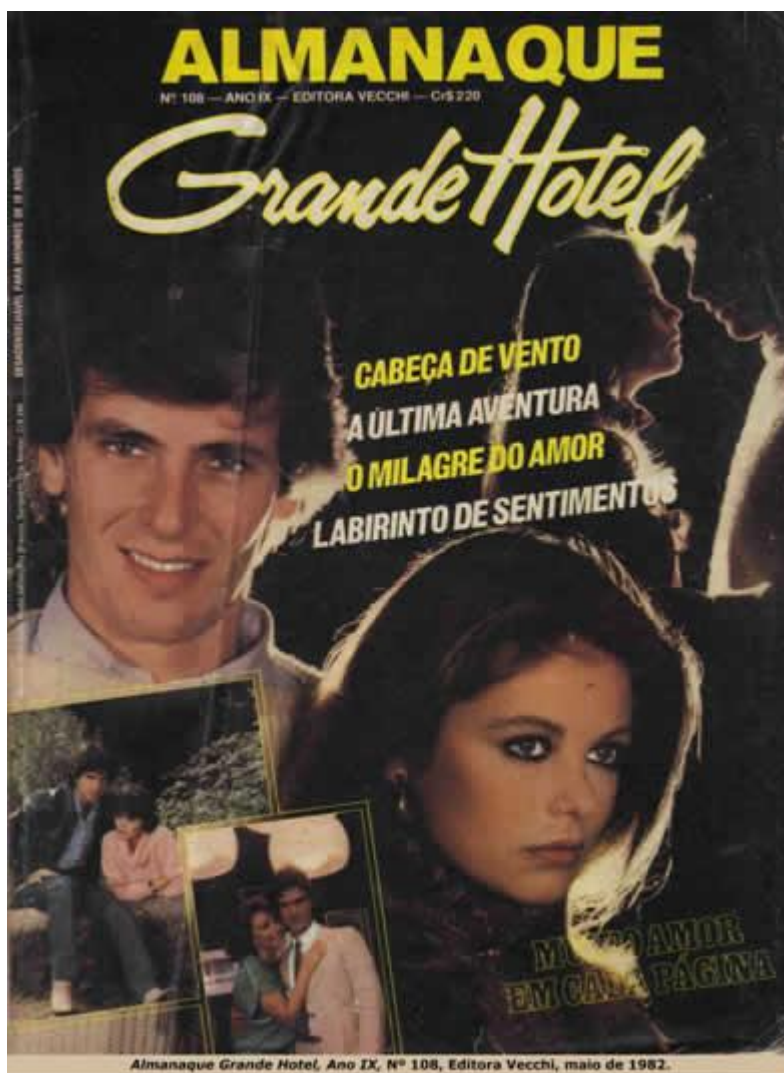


Figura 8 – Fotonovela: *Almanaque Grande Hotel*

As fotonovelas marcaram época em diversos países. Hoje em dia (2011), pelo menos no Brasil, em princípio estão extintas. Curiosamente, ainda existe um veículo que publica um arremedo de fotonovela: algumas revistas pornográficas, especialmente as que vêm acompanhadas de DVDs de sexo explícito. Para efeito de registro, a Figura 9 apresenta uma parte de uma dessas “fotonovelas” pornográficas, integrante da revista *Transmania*, Ano 4, Nº 45, da Editora Sexsites, uma revista que acompanhava um VCD com filmes de travestis. A curta história aparece em formato 27 cm x 41 cm.



Figura 9 – “Fotonovela” pornográfica

Um outro tipo de publicação da mesma linha – revistas pornográficas – em formato menor (13,5 cm x 20,5 cm) traz em alguns números algumas “fotonovelas”. A exemplo do que foi mostrado na Figura 9, em geral são histórias insossas, com cenas de sexo explícito (que é o foco das histórias). Tais “fotonovelas” utilizam os elementos das fotonovelas originais (a sequência de fotografias, os balões e os recordatórios), mas passam longe da arte tanto das fotonovelas propriamente ditas quanto das HQs eróticas. No entanto, são anunciadas como verdadeiras fotonovelas na capa das revistas. A Figura 10 contém mais um exemplo deste tipo de “fotonovela”, extraído da revista *Maria Chuteira*, da Nova Sampa Diretriz Editora Ltda e Extasy Edições (Edição 002, Ano II, 2000). A revista traz “4 fotonovelas eróticas” (uma das quais dá título à edição) e se destina em princípio ao público heterossexual.



Figura 10 – “Fotonovela” pornográfica

11.2 Jornalismo Gráfico

A ideia das fotonovelas, no entanto, foi parcialmente aproveitada para o que se chama de “jornalismo em quadrinhos”. Constitui-se de histórias reais, documentadas em fotografias e em desenhos, sequencialmente alinhados, com todos os demais elementos (balões, legendas, recordatórios, onomatopeias) oriundos dos quadrinhos. Na verdade, pode-se dizer que é uma HQ, só que entremeada de fotografias que retratam cenários e personagens reais. Nem sempre, no entanto, o chamado jornalismo em quadrinhos utiliza fotografias; por vezes há somente os desenhos, mas a história é real. Para muitos, o termo “jornalismo gráfico”, tanto para um como para outro tipo, é mais preciso.

A relação entre quadrinhos e jornalismo pode ser estabelecida já no século XIX, quando era comum incluírem-se ilustrações (posteriormente fotografias) que acompanhavam os relatos veiculados pelos jornais. O gênero evoluiu e está presente hoje em dia em diversas situações.

É assim com as dramatizações de casos policiais. Em alguns casos, o efeito é refinado. Foi assim com a edição em HQ da reportagem *A Infiltrada*, coordenada pelo diretor de arte Samuel Cabral, para o jornal *Agora São Paulo*, em 22 de abril (editoria Polícia, domingo A-3). O ilustrador Luciano Veronezi sequencia a apuração de Carla Monique Bigatto. Não há aqui as cenas esparsas das tirinhas de reconstituição. Quadro a quadro, é narrada a operação de uma policial de 21 anos que se disfarçou para desbaratar um esquema de tráfico internacional. (PEREIRA JUNIOR, 2007)

Veja-se a Figura 11 para se ter uma ideia do que diz Pereira Junior sobre *A Infiltrada*.

Foi neste formato que apareceu a primeira entrevista totalmente em quadrinhos na imprensa brasileira, de autoria da repórter Patrícia Villalba, para o jornal *O Estado de S. Paulo* (Caderno 2-Zap, D9), em 9 de abril de 1999.

Patrícia marcara encontro entre Tom Zé e Otto, representantes de duas gerações da MPB que fariam shows no dia seguinte. Foi acompanhada por Fábio Moon e Bagriel Bá, então já conhecidos pelo fanzine *10 Pêezinhos* e responsáveis pela atual quadrinização de *O Alienista*, de Machado de Assis, editada pela Agir este ano. As três horas de conversa viraram duas páginas de jornal de bem-humorada entrevista, em que Tom Zé surge na velha Brasília que usava nos anos 80 para dar carona ao colega em plena caatinga. (PEREIRA JUNIOR, 2007)

A Figura 12 ilustra um trecho da conversa entre Tom Zé e Otto.

Um exemplo recente e bastante representativo do jornalismo gráfico é *O Fotógrafo*, do fotógrafo Didier Lefèvre, em coautoria com Emmanuel Guibert (roteiro e desenhos) e Frédéric Lemercier (diagramação e cores), em que conta sua experiência atravessando o Afeganistão acompanhando os Médicos Sem Fronteiras. Aqui coexistem fotografias reais e desenhos criados para o livro (Figura 13).

Uma parte do jornalismo em quadrinhos vai se confundir com as autobiografias, que serão analisadas posteriormente (11.3).

A INFILTRADA

por Carla Monique Bigatto
Ilustrações Luciano Veronesi



Até EL, o policial
que a polícia
formosa (para
falsificar) sempre
seguiu

A policial formosa, 25 anos, a
"Formosa", "O modo de ser da sua vida"



08/abr/2007
segunda-feira, fim de tarde
Indagando com roupas mais simples, a policial formosa (para
falsificar) sempre a transportar uma mala dentro do carro de EL
foi a EL. EL não se lembra mais do nome da mulher, mas
indagando, sabe a sua idade e o nome da mulher que
está em frente de um departamento

Estou desanimado,
Fracasso de dinheiro



08/abr/2007
segunda-feira, fim de tarde

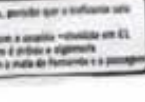
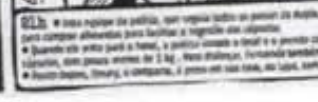
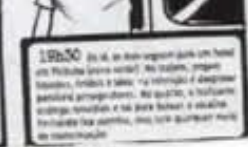
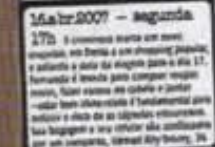
Quarta-feira, formosa
formosa e aborrecida por um
policial de polícia de
polícia, a mulher (para
falsificar) sempre a transportar
uma mala dentro do carro de EL
foi a EL. EL não se lembra mais
do nome da mulher, mas
indagando, sabe a sua idade e
o nome da mulher que está em
frente de um departamento

Você é corajoso?
Acho que eu
posso te ajudar...



08/abr/2007
segunda-feira, fim de tarde

Não sei o que
querer, mas é
importante a
mulher (para
falsificar) sempre a
transportar uma mala
dentro do carro de EL
foi a EL. EL não se lembra
mais do nome da mulher, mas
indagando, sabe a sua idade e
o nome da mulher que está em
frente de um departamento



Página de *A Infiltrada*, do jornal *Agora*: quadrinhos
não são apêndice da notícia, mas a própria
informação

Revista Língua Portuguesa, Ano II, nº 22, ago. 2007.

Figura 11 – Página de *A Infiltrada*

11.3 Biografias e Autobiografias

Faz tempo que as biografias de “grandes personalidades” são contadas nos quadrinhos. Já falamos das séries que exploravam a vida dos santos (10.4). O mesmo ocorreu com personagens da História, escritores, tanto brasileiros quanto de outros países. Por um lado, a exemplo das séries religiosas, durante muito tempo este tipo de quadrinhos se prestava a conferir credibilidade ao gênero, e assim tentar diminuir as críticas às revistas; por outro, as biografias em quadrinhos trazem maior apelo, principalmente aos jovens, que desejam conhecer grandes figuras sem precisar ler tomos volumosos.

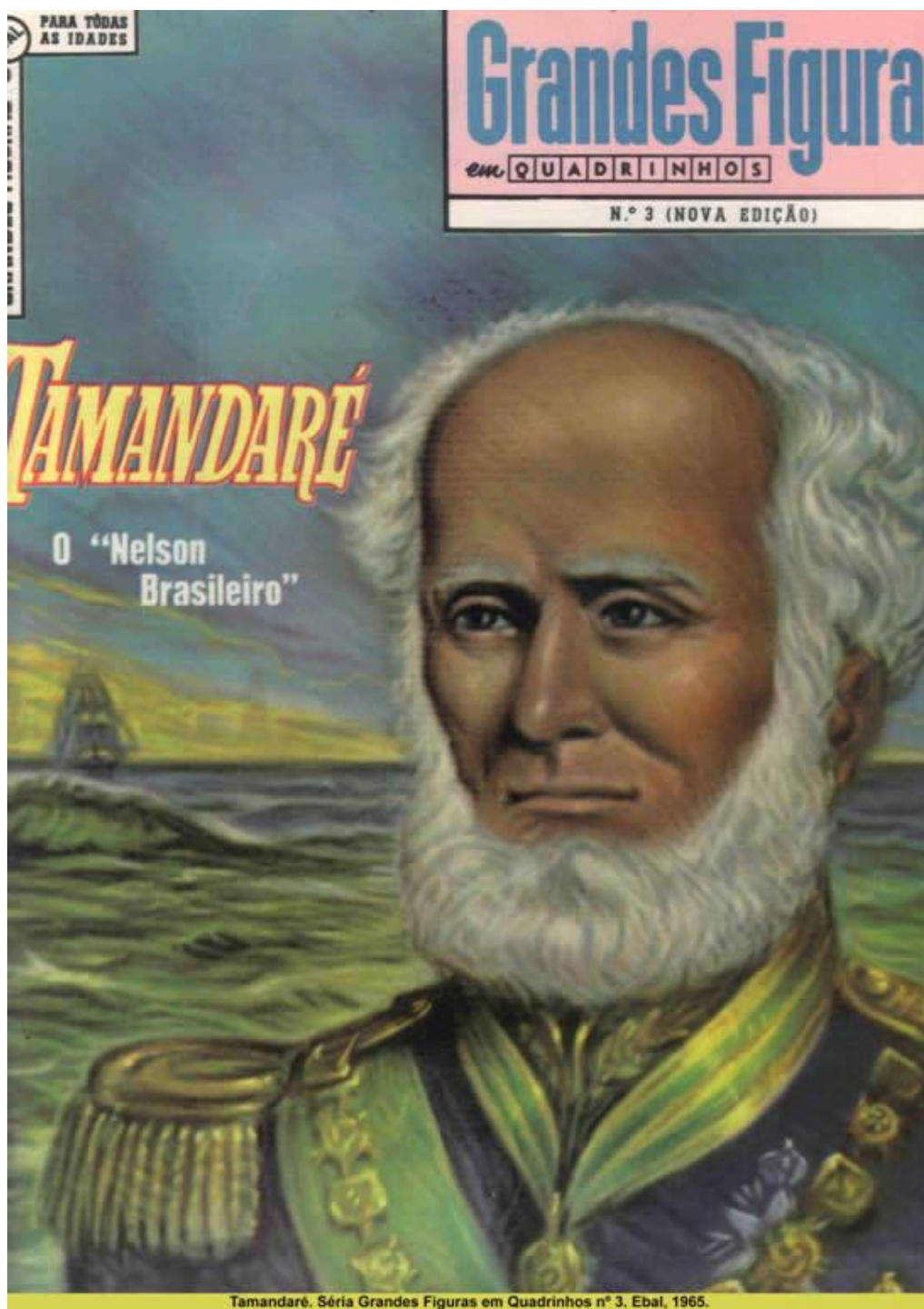


Figura 14 – Capa da biografia em quadrinhos de *Tamandaré* (1965)

Mais recentemente, diversas biografias vêm sendo escritas sobre personagens da atualidade ou já falecidas. É o caso de Tina Modotti, atriz, fotógrafa, militante comunista e espiã soviética, que teve sua vida quadrinizada por Ángel de la Calle (*Modotti: Uma Mulher do Século XX*, Editora Conrad). Che Guevara foi outro que teve sua biografia quadrinizada por Kim Yong-Hwe, desta feita em forma de mangá, embora não com os elementos do mangá tão fortemente explorados, ou seja, as personagens não são muito “orientalizadas” (Figura 15).

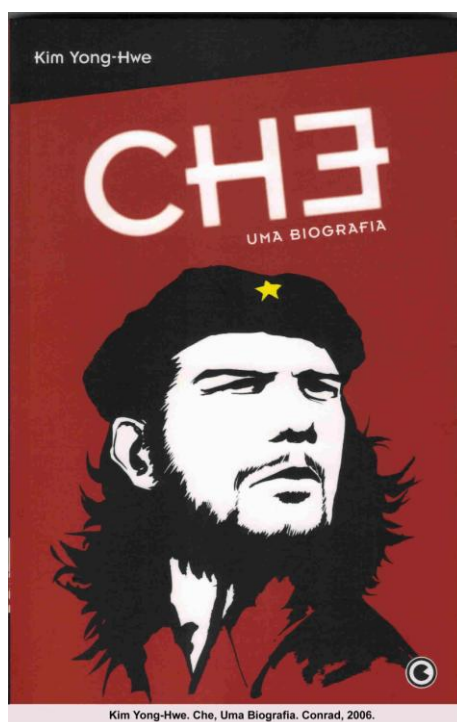


Figura 15

Capas de *Modotti* (Disponível em: <http://www.universohq.com/quadrinhos/2005/n28102005_04.cfm>. Acesso em: 26 fev. 2010.) e de *Che*

De maneira semelhante, muitos autores decidem contar sua própria vida em quadrinhos: são as autobiografias em quadrinhos. É o que fez Robert Crumb, o celebrado autor *underground* de *Fritz the Cat*, que decidiu quadrinizar sua própria vida em *Minha Vida* (Editora Conrad) (Figura 16).



Figura 16

Capa de *Minha Vida* (Disponível em: <http://www.universohq.com/quadrinhos/2006/review_minhavidacfm>. Acesso em: 26 fev. 2010.)

Osamu Tezuka, o mangaká criador de *Astro Boy* e de *A Princesa e o Cavaleiro*, dentre outros títulos famosos, tido por muitos como “O Deus do Mangá”, teve sua biografia quadrinizada em quatro volumes (lançados no Brasil pela Editora Conrad) [*Osamu Tezuka vol. 1 – O Nascimento do Osamushi (1928-1945)*, *Osamu Tezuka vol. 2 – O Surgimento do Mestre (1945-1950)*, *Osamu Tezuka vol. 3 – O Sonho do Artista (1960-1975)* e *Osamu Tezuka vol. 4 – A Consagração do Gênio (1975-1989)*] (Figura 17).



Figura 17 – Capas da biografia de Osamu Tezuka

(Disponível em: <http://www.lojaconrad.com.br/lojas/CONRAD/___home.cfm?inputBusca=osamu%20tezuka&paginatural=13>. Acesso em: 26 fev. 2010.)

Para citar somente mais um nome conhecido, Maurício de Souza, o célebre autor de *a Turma da Mônica*, escreveu sua biografia em quadrinhos, publicada pela Panini Brasil em 2007, *Maurício de Souza: Biografia em Quadrinhos* (Figura 18).

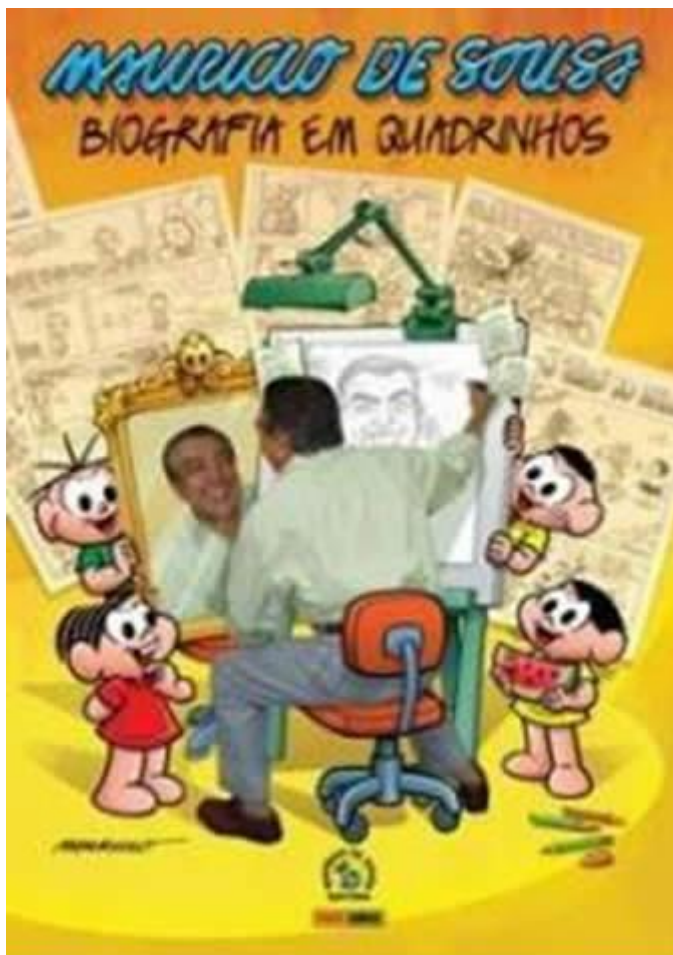


Figura 18 – Capa da biografia de Mauricio de Souza

(Disponível em: <http://www.universohq.com/quadrinhos/2007/review_MauricioSousa.cfm>. Acesso em: 26 fev. 2010.)

Algumas autobiografias estão bastante próximas do jornalismo em quadrinhos, visto que seus autores relatam fases de sua vida, mas ao mesmo tempo documentam um momento histórico – esta sendo, talvez, a maior ênfase dos livros. Nestes casos, diferentemente do chamado jornalismo em quadrinhos, ou jornalismo gráfico, não há fotografias, somente quadrinhos e texto, embora muitos destes livros contenham diagramas e outras informações que ajudam o leitor a visualizar melhor determinadas situações.

Um dos exemplos mais pungentes é *Maus*, de Art Spiegelman (Cia. das Letras, 2005). Neste livro, o autor conta a história de seu pai, um judeu que sobreviveu ao Holocausto, tendo passado pelos campos de concentração nazistas. O texto é baseado em entrevistas do autor com seu pai e em fatos verídicos que são romanceados durante toda a novela gráfica. O autor usa exemplarmente a técnica do antropomorfismo, por meio da qual os judeus são ratos (*maus*, em alemão, o que explica o título do livro), os alemães gatos, os franceses sapos, os poloneses porcos, os americanos cachorros, e assim por diante (figuras 19 e 20).

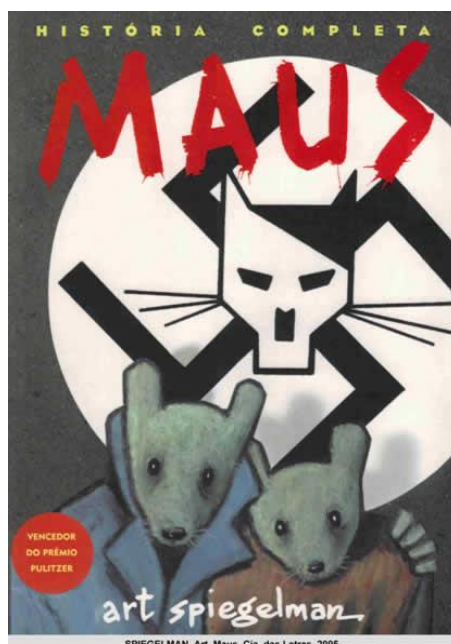
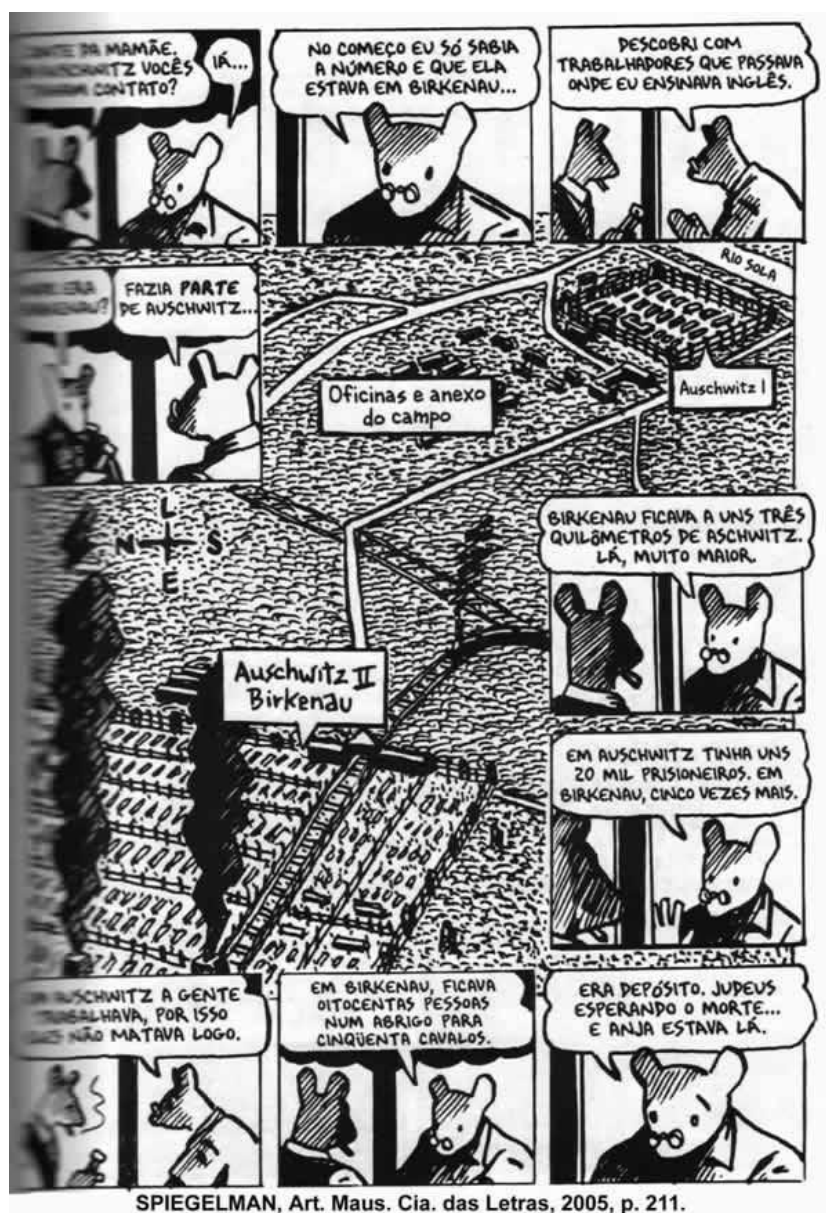


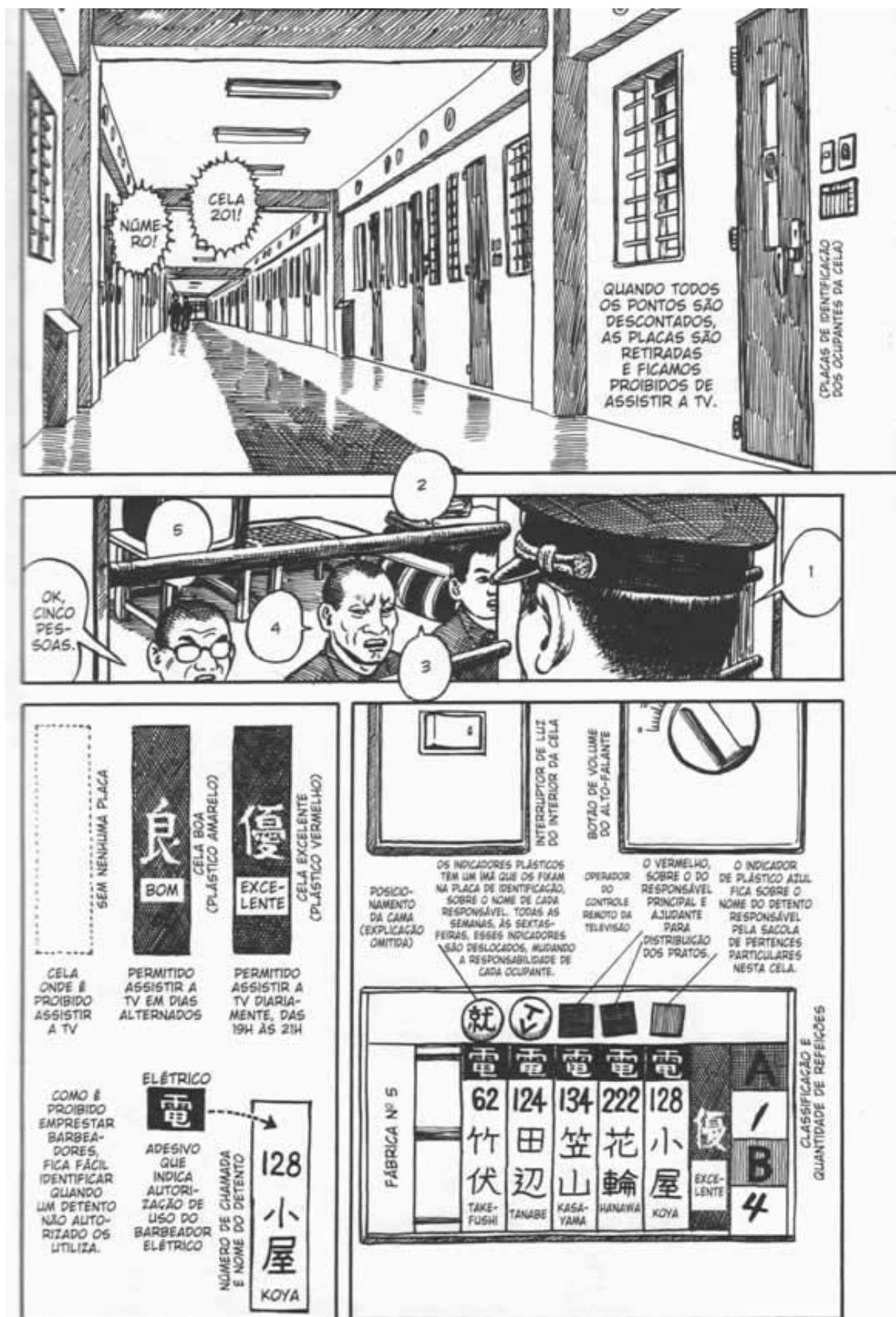
Figura 19 – Capa de *Maus*, de Art Spiegelman



SPIEGELMAN, Art. Maus. Cia. das Letras, 2005, p. 211.

Figura 20 – Página interna de *Maus*, de Art Spiegelman

Na Prisão, de Kazuichi Hanawa, conta a história do autor durante o tempo em que esteve preso por três anos no Japão (Hokkaido), condenado por porte ilegal de uma arma de fogo. No livro, Hanawa conta a rotina da prisão, suas normas e regulamentos, sem as brigas e a violência com a qual estamos acostumados em tais relatos (Figura 21).



HANAWA, Kazuichi. *Na Prisão*. Conrad, 2005, p. 214.

Figura 21 – Página interna de *Na Prisão*, de Kazuichi Hanawa

Note-se na Figura 21 acima a inclusão de quadrinhos com esquemas e informações que auxiliam o leitor na contextualização dos quadrinhos que contêm a história propriamente dita, fato característico deste gênero.

Em *Pyongyang: Uma Viagem à Coreia do Norte*, Guy Delisle, desenhista canadense, relata sua experiência no regime totalitário de Kim Jong-il na Coreia do Norte, durante trabalho como supervisor de animação de um estúdio francês (Figura 22).

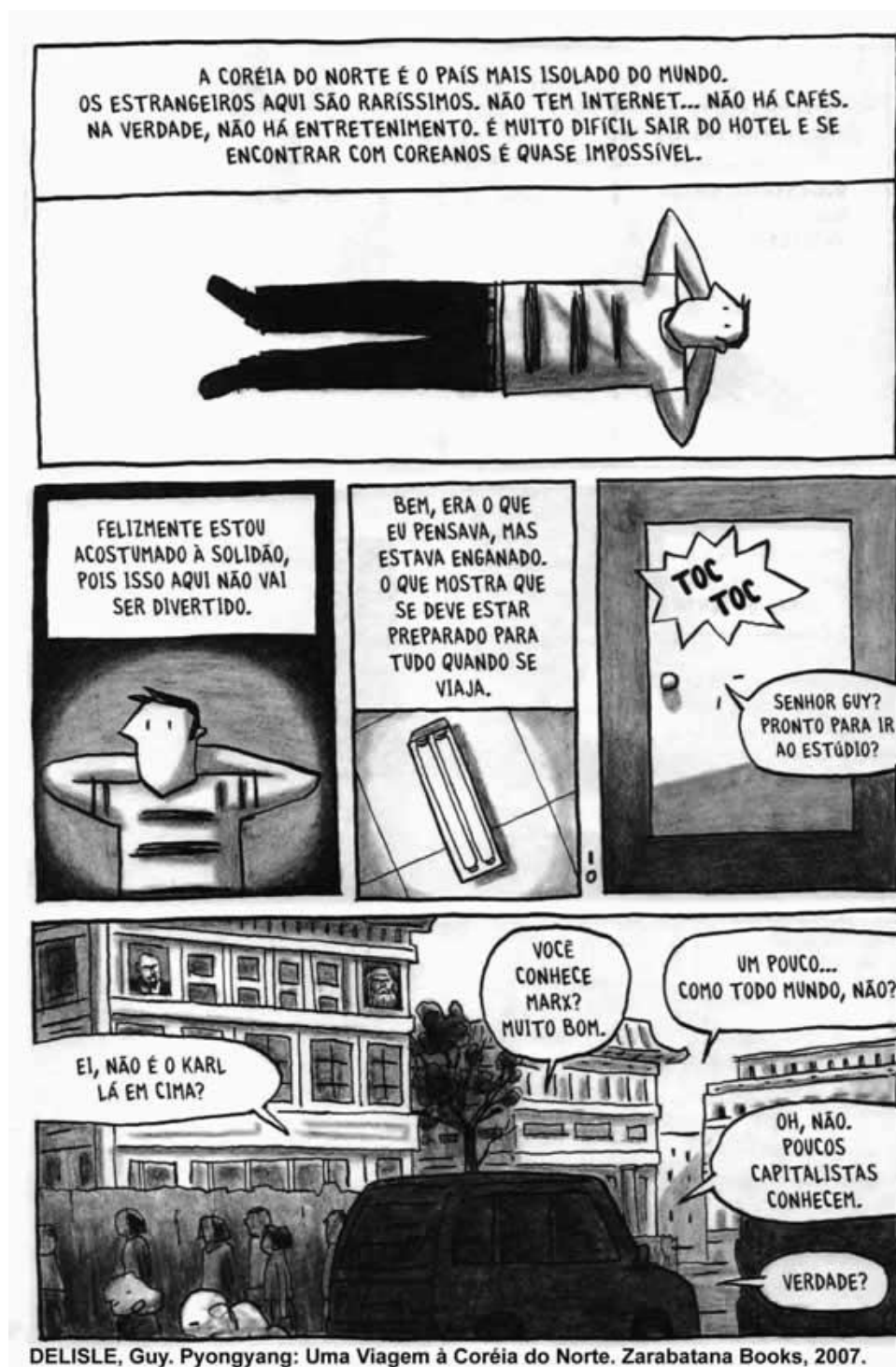


Figura 22 – Página interna de *Pyongyang*, de Guy Delisle

O Menino do Kampung, do cartunista malaio Lat, relata a vida simples num vilarejo típico do interior da Malásia (*kampung*). O trabalho é autobiográfico, com texto e desenhos simples, porém tocante e de reconhecido valor histórico (Figura 23).



Figura 23 – Capa de *O Menino do Kampung*, de Lat

Para terminar esta breve lista, *Persépolis* (Cia. das Letras), autobiografia da autora, a iraniana Marjane Satrapi (Figura 24), publicada no Brasil pela Cia. das Letras em quatro volumes (e depois em volume único), retrata o momento em que o regime xiita se faz dominante no Irã, os protestos, o islamismo e a estada da autora na Áustria, até sua mudança definitiva para a França (Figura 25).



Figura 24 – Marjane Satrapi

(Disponível em: <http://www.universohq.com/quadrinhos/2007/n24102007_06.cfm>. Acesso em: 26 fev. 2010.)



SATRAPI, Marjane. *Persépolis*, vol. 1. Cia. das Letras, 2004.

Figura 25 – Página interna de *Persépolis*, de Marjane Satrapi

Nota-se em todas estas autobiografias o retrato de um momento histórico, via de regra vivido pelo(a) autor(a), e que serve de testemunho e registro para historiadores e pesquisadores, além de professores de diversas áreas. Como já foi apontado, este gênero de quadrinhos se aproxima bastante do jornalismo gráfico e é essencial para a compreensão da dinâmica histórica, social, política, econômica, sexual e religiosa que nos cerca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. Jornalismo em Quadrinhos. In: **Revista Língua Portuguesa**. São Paulo: Ed. Segmento, ano II, nº 22, agosto de 2007, p. 18-23.

TERRA, Robson. **Fotonovela ou Fotoromanzi**: Melodrama de Papel. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/5217/1/fotonovela-ou-fotormanzi-melodrama-de-papel/pagina1.html>>. Acesso em: 26 jul. 2009.